

SERENIDADE: ENTRE A TÉCNICA E A ARTE EM HEIDEGGERJaderson Gonçalves Nobre⁷³

RESUMO: A sociedade atual, para Heidegger, encontra-se decaído naquilo que ele chama da mesmidade do habitual. Atordoada pelo pensamento que calcula, o homem quer com ela decidir até as mais profundas questões de sua existência. Dominado pela técnica o homem moderno encontra-se a beira de um abismo, o do fechamento de sua linguagem a qualquer outra possibilidade de dizer o essencial. Assim Heidegger é levado a pensar a questão da poesia e sua harmonia com o essencial. Por fim, sabendo não ser a técnica algo a ser dispensado, pelo contrário, reconhecendo seu inestimável valor, Heidegger pensa na serenidade, como um estar entre técnica e poesia. Como uma possibilidade radical de se por no mundo atual ante toda a sua problemática.

Palavras-chave: Técnica; Linguagem; Poesia;

SERENITÉ: ENTRE LA TECHNOLOGIE ET L'ART CHEZ HEIDEGGER

RÉSUMÉ: La société actuelle, pour Heidegger, est tombé dans ce qu'il appelle l'identité de l'habituel. Étourdi par la pensée qui calcule la maison veut elle de décider les questions les plus profondes de son existence. Dominée par la technologie l'homme moderne se trouve au bord de l'abîme, la fermeture de sa langue à une autre possibilité de dire essentiel. Ainsi Heidegger est conduit à penser que la question de la poésie et son harmonie avec l'essentiel. Enfin, ne sachant pas la technique quelque chose à être excusé, cependant, en reconnaissant leur valeur inestimable Heidegger pense de sérénité comme un être entre la technique et la poésie. Comme une possibilité radicale de par le monde actuel avant tous ses problèmes.

Mots-clés: Technique ; Langue ; Poésie ;

Introdução:

A humanidade atual encontra-se diante uma perigosa ameaça. O contínuo e acelerado desenvolvimento da técnica, que de início se apresentou como um instrumento capaz de ajudar a lutar contra as adversidades da vida, ameaça fugir do controle. Um perigo que se desvela, não pela força de destruição em massa de uma

⁷³ Bacharel em filosofia pela UECE na área de estética o o trabalho monográfico de título: As cartas da educação estética da humanidade - Crítica a fragmentação e busca da integralidade antropológica. Metrado em Filosofia na UECE na área de ética e Estética com título de dissertação: Serenidade Em Heidegger: um diálogo entre a técnica e a arte. Atualmente fazendo licenciatura em filosofia na UECE

bomba atômica, ou pelos desconhecidos possíveis efeitos advindos da manipulação genética de animais e plantas. A ameaça extrema que pesa, para Heidegger, é a do olhar técnico, que tudo calcula e mede tornar-se o único olhar do homem.

Contudo, não se trata aqui de um negar a técnica, até porque os mesmos instrumentos que se mostraram capazes de destruição já se desvelam como capazes de construir, de curar e melhorar a vida do homem. Também não se trata de afirmá-lo cegamente e a todo custo. O que Heidegger busca ao questionar a técnica é preparar um relacionamento livre com esta. Um relacionamento capaz de abrir nossa presença a sua essência. Criando assim uma clareira, um espaço onde a essência da técnica se mostre em si e por si. Este criar uma clareira tem aqui o sentido de um deixar-que, de uma abertura para o que ao homem é destinado pelo ser. Totalmente diverso de uma pura passividade. Aqui este deixar-que é a mais pura atividade já que aqui o que se deixa que advenha é o essencial. Deixar como um cuidado-com, como escuta essencial que diz.

É neste sentido, o de buscar um caminho de um originário relacionar-se com a técnica que deixa que está advenha em sua essência, que a presente pesquisa se dá. Buscando articular três ensaios do filósofo para daí esboçar um possível caminho de enfrentamento a essa crise provocada pelas unilateralidades do comportamento do homem. Os ensaios são: *A questão da técnica* (1953), *A origem da obra de arte* (1935/36) e *Serenidade* (1955). Buscando nestes ensaios não só o que os diferenciam, mas também o que, e justamente por essa diferenciação, leva do vazio do mesmo para a pulsação do singular. Enquanto cada um destes trata de um objeto, a técnica, a arte e o pensar respectivamente, aqui o que os unirá em se mantendo a diferença é o caminho e não as sentenças particulares como aconselha o próprio Heidegger em diversas parte de suas obras. Uma caminho do pensamento, da linguagem. O caminho de con-fronto à crise da técnica, como uma crise do *sem-saída*. Enquanto *sem-saída* sua superação se dará internamente de forma intrínseca.

Este percurso será trilhado em três momentos. O primeiro onde será apresentada a ameaça deste domínio da técnica se estender por todo o globo e por todas as áreas e relações. Num segundo momento questionaremos a arte como um caminho que surge como possibilidade de superação a esta ameaça. Por fim, o terceiro momento parte do

que anteriormente se levantou e se põem como um novo questionar. Será que a arte, enquanto caminho de superação, é suficiente para enfrentar, nos dias atuais, essa ameaça global? Chegando ao fim com uma pergunta, pretende-se aqui não uma conclusão que responda de forma definitiva. A proposta, portanto, é que o fim se apresente como um começo, que sempre de novo se põe inquietante e assim se sustem.

Dis-Ponibilidade E Com-Posição: A Crise Do Sem-Saída.

Para este passo da trilha que seguiremos, tomemos como palavra-guia uma expressão usada por Márcia de Sá em seu ensaio *Heidegger e a Lebre de Dürer: uma reflexão sobre o sentido transformador da singularidade em obra* para expressar a crise da técnica moderna. A crise do *sem-saída*. Crise da qual o homem não encontra fuga em lugar ou coisa nenhuma. Sendo sem fuga torna-se manifesta a necessidade de um enfrentamento, de um con-fronto que parta de seu interior. Con-fronto aqui é entendido segundo Heidegger como um colocar-se diante de, como um cuidado essencial a este destino enviado pelo ser. É no confronto que o filósofo verdadeiramente assume sua postura filosofante. Elevando confrontado e confrontador na co-pertença do enfrentamento, enquanto disputa originária.

Márcia assim coloca o sentido da crise atual:

A crise está no sentido de crise. A crise está na ausência de crise. Em sua etimologia, a palavra crise quer dizer separação. [...] Separar-se do anterior para alcançar o depois. Crise do sentido de crise, (...) significa, assim, esvaziamento do sentido de transformação [...]. A crise está no esvaziamento das possibilidades de transformação do sentido de transformação. [...] O sentido de transformação entra em crise quando transformar significa somente alcançar uniformidade. [...] Transformar que dizer então equiformar, tornar igual. [...] O esvaziamento do sentido de crise e transformação se expõe como o no-way-out, o *sem-saída*.

É, portanto, na transformação como um mero en-formação que se revela a crise. A técnica moderna é de tal forma dominadora que nada, ninguém e nem canto nenhum lhe escapa. Contudo, é necessário adentrarmos ao pensamento heideggeriano para que o dito não seja meramente uma afirmação. Só internamente ao seu pensamento, um pensamento que é circular em cada passo e assim busca permanecer, é possível seguir sua trilha. Então adentremos agora ao ensaio *A questão da técnica* e pensemos junto com o filósofo.

O que é a técnica? “Questionaremos a técnica e pretendemos com isto preparar um relacionamento livre com a técnica.” A concepção tradicional diz ser a técnica um meio para um fim, uma atividade do homem. Esta é a determinação instrumental da técnica. Ela é correta, porém o correto ainda não é o verdadeiro e só o verdadeiro pode nos proporcionar uma clareira ao livre relacionar-se com a essência. Verdade em grego dizia-se ἀλήθεια, a-letheia. Para Heidegger o termo é formado pelo ἀ privativo mais λήθεια que podemos traduzir por esquecimento, ocultamento, velamento. Verdade é, portanto, essa passagem do que está velado, oculto em seu mistério, ao dê-s-velado, ao claro do aberto. Enquanto que corretude é *homoiosis* (ομοιωσις), traduzido pelos latinos por *adequatio*, *veritas*. É a adequação da proposição à coisa. Esta adequação só é possível se a coisa mesma já tiver se dê-s-velado para adequação. Corretude é também, portanto, dê-s-velamento, porém de uma forma bastante derivada, distante do que é essencial, do que é originário. Ou seja, uma verdade distante do sentido do Ser. Na verdade como adequação, verdade proposicional, a tensão entre velado e desvelado, entre o que se dê-s-vela ocultando-se é esquecida, abandonada. Na verdade como corretude a tradição abandonou o sentido fundamental da verdade mais originária, enquanto poiesis (ποίησις), enquanto pro-dução.

Téchne (τέχνη) para os gregos dizia-se tanto do saber do artesão como do artista das belas artes. Não porque ambos tinham uma relação com o fazer manual, pois, τέχνη para os gregos nada tem haver com um fazer manual. Τέχνη é ποίησις. Um deixar que venha a ser o que em si mesmo não possui a força de eclosão. Seguindo o fio condutor apresentado por Aristóteles na *Ética a Nicômaco* escreve Heidegger: “A τέχνη é uma forma de ἀληθείειν. Ela descobre o que não se produz a si mesmo e ainda não se dá e propõe, podendo assim apresentar-se e sair, ora num, ora em outro perfil”. Enquanto os entes físicos (*physei onta*) tem a força de eclosão em si, aqueles precisam de um outro, do artesão ou artista, para chegarem ao vigor da presença e aí permanecerem. Este deixar que advenha em seu vigor pelo *logos* (λόγος) que, desde os primeiros gregos se apresenta como unificador que a tudo permeia, é o que põem artesão e artista sobre um mesmo termo. Vejamos uma passagem do *Banquete* (205b) de Platão citada por Heidegger neste mesmo ensaio: “Todo deixar-viger o que passa e procede do não

vigente para a vigência é *ποίησις*, é produção” . Enquanto *poiesis*, pro-dução a *técne* deixa que advenha, a partir de si, os entes.

Será que se pode dizer o mesmo acerca da técnica moderna, da técnica da “era atômica”? Heidegger nos diz que não. Esta não mais é caracterizada por um cuidado que deixa que o ente, o vigente advenha a partir do seu ser. O traço característico deste novo olhar, este que calcula, que mede, en-forma é a exploração e o armazenamento. A natureza, a *physis* se revela neste outro olhar como fonte de energia, como algo disponível a ser explorado para fornecer energia, que será armazenada e depois tornar-se-á disponível ao uso como uma mercadoria. A natureza deixou assim de ser a Mãe multinutriz, de tudo provedora, “*Gaia* de amplo seio” , para decair em uma mera fonte de energia a ser explorado para a venda e o uso na busca de poder. Quebra-se a harmonia originaria com a Terra e com isso o Mundo entra em decadência, enquanto mera maquinação e não mais um Acontecimento-apropriador (*Ereignis*), “somente os maiores Geschehen (acontecimento histórico), os mais profundos Ereignis, ainda podem nos salvar da perdição no alvoreço de meros Begebenheiten e maquinações”. Este desenvolvimento desenfreado da técnica, que agora ameaça fugir do controle dos homens, em que todas as coisas, a própria natureza e até o homem mesmo, apresentam-se como apenas disponíveis ao cálculo, enquanto fonte de energia disponível ao mercado e com isso vem tornando, cada vez mais, o homem um instrumento de seu instrumento. A essência da técnica moderna enquanto Com-posição (*Ge-stell*) ameaça escapar do controle.

Com-posição, Syn-tese, tem um sentido em Heidegger de por junto a, armação que conecta cada ponto em um sistema de conceitos determinados. Uma ligação que torna tudo posição (*tese*) disponível a ser calculada e en-formada para uma nova, porém a mesma, com-posição em uma cadeia de relacionamentos que nada consegue escapar, *sem-saída*. A palavra guia tirada do ensaio de Márcia de Sá, aqui se apresenta novamente. Como enfrentar essa ameaça da técnica moderna enquanto com-posição que prende tudo numa rede de representações, disposta de tal forma que coisa alguma se apresenta como uma possibilidade de saída, se lugar nenhum está livre deste pensamento calculador? Como enfrentar essa ameaça se nada se apresenta como

caminho? Será que estamos diante de uma vereda? Aquela mesma que Parmênides em seu poema sobre a Natureza, por meio das palavras da *Musa* aconselha-nos a se afastar?

Diante esse perigo que ameaça a humanidade decair em mera maquinação e calculo escreve Heidegger citando Hölderlin:

Ora, onde mora o perigo
é lá que também cresce
o que salva.

Sendo um caminho sem-saída, em que lugar nenhum é capaz de dar um abrigo dissociado desta rede de relações calculáveis, só no novo, no que ainda não adveio pode se pensar em uma superação. É preciso inaugurar, deixar que venha a vigorar o que ainda não adveio enquanto o extra-ordinário, o in-abitual. *Tecné* entendida tanto como o saber desvelador do poeta, como o do artesão remete a uma aproximação em sua diferença. Enquanto o segundo dêsvela como instrumento o primeiro dêsvela de forma inaugural.

No final do ensaio *A questão da técnica*, aparece uma relação técnica-poético, ciência-arte, como que uma pergunta: qual a essência da arte e como pode, se é que pode, ela se apresentar como o que salva? Como pensar a essência da arte como algo que em seu silêncio inaugura? Como pensar o dizer poético como um dizer silencioso?

O Dizer Poético: Um Des-Velamento Inaugural

Heidegger doa grande parte de seus estudos a questão da poesia, da arte, principalmente em seus momentos mais tardios. Dando toda uma atenção especial a Hölderlin, para ele o poeta dos poetas. Em que sentido podemos pensar com Heidegger na arte como um caminho de confronto ao perigo do sem-saída? Em que sentido é o poeta um inaugurador? Será que o pensamento poético é suficiente para nos salvar do perigo que nos ameaça?

Em seu ensaio *A origem da obra de arte* ele nos fala: “a essência da arte é o por-em-obra da verdade”. Por-em-obra tem um sentido de criar uma clareira na qual emerge, por si, algo que ainda não adveio.

O pensamento que calcula tem como regra suprema o princípio da não-contradição. Esse princípio soa assim já em Aristóteles: uma coisa não pode ser e não-ser ao mesmo tempo, sobre o mesmo aspecto. A ciência, representante maior desse pensamento que calcula, ao ser questionada por seu objeto diz ser este o ente e nada mais. E justamente aí, onde tenta definir seu objeto se depara com este nada mais, com o nada. Não podendo dizer sobre este, sobre o absolutamente não-ente, o nada, sem ferir seu princípio supremo, ou seja, sem se contradizer o abandona. Pois se a pergunta da ciência, assim como a da filosofia ocidental, se dá na forma: o que é isto... o ente, esta sendo feita em relação ao nada levaria este a tornar-se o seu contrário. Perguntar o que é isto... o nada, é tornar o absolutamente não-ente em um ente, pois a pergunta ficaria assim: que ente é este o absolutamente não-ente.

Em sua raiz a ciência admite o nada. Assim como admite sua incapacidade de lidar com esta questão sem aniquilar seu princípio supremo, seu primeiro fundamento, seu fundo. Se não está no alcance da ciência, da *ratio*, da lógica questionar este nada, que outro tipo de saber, que outro *logos* (λόγος) se dá de tal forma que se encontra na vizinhança deste nada, onde é possível que este encontre uma clareira pra livremente chegar e permanecer no vigor da vigência? Será possível um confronto ao que Parmênides nos diz em seu poema sobre o silêncio sem saída acerca do nada? Qual outro modo de pensar é característico ao homem desde seu princípio?

A filosofia desde a sua aurora dialoga com a arte. Ou negando, ou afirmando. Em uma luta que exatamente as aproximam. Pois, ambos enquanto modos de desvelamento relacionam-se intrinsecamente. É nesta trilha, de uma proximidade na diferença, que o pensador se coloca a questionar acerca da essência da arte. Porém não o mesmo caminho de questionamento proposto pela Estética. Ao contrário, ao invés de lhe seguir os passos, Heidegger, dando continuidade a sua tarefa de desconstrução do pensamento lógico, conceitual, da linguagem determinada pela gramática, do pensamento limitado e enrijecido pela *ratio*, buscará desconstruir também este modo de pensar. Não seguindo os passos da Estética acerca da arte, Heidegger buscará um outro olhar mais originário sobre a essência da arte, da poesia.

Para este, no olhar estético acerca da arte a essência desta não só se esconde, mas se ausenta. Estética é a ciência criada por Alexander Baumgarten (1714-1762) que lhe define como: “A Estética (teoria das artes liberais, como gnosiologia inferior, como arte de pensar de modo belo, como arte do análogo da razão) é a ciência do conhecimento sensitivo”. Portanto como um âmbito da ciência que busca refletir sobre a contingência dos sentidos e do belo, sobre o confuso para desta reflexão os tornar claros. O que se mostra então como um momento de completude do saber lógico, da metafísica.

Heidegger busca outro caminho de questionamento da originária essência da arte. Ao se colocar diante um quadro de um par de sapatos de um camponês criado por Van Gogh e aí demorar-se, deixando com que este se apresente diz:

Um par de sapatos de camponês e nada mais. E contudo... Da escura abertura do interior gasto dos sapatos a fadiga dos passos do trabalho olha firmemente. [...] Nos sapatos vibra o apelo silencioso da Terra, sua calma doação do grão amadurecente [...] perpassa a aflição sem queixa pela certeza do pão [...]. À *Terra* pertence este utensílio e no *Mundo* da camponesa ele está abrigado. A partir desse pertencer que abriga, o próprio utensílio surge para seu repousar-em-si.

O utensílio, o par de sapatos, aparece pela obra de arte de forma inaugural. Advêm de forma in-abitual, como um ente pertencente a um Mundo que se abre como abrigo onde o homem pode habitar. Na obra de arte o ente par de sapatos “vem para o constante do seu brilhar”, entre o que se guarda na Terra e o que apresenta como Mundo. Terra e Mundo entram em uma disputa originária de onde advêm o novo. Terra no sentido disto que oculta-se mesmo quando se doa, que guarda em seu peito o mistério do oculto da *physis* (*φύσις*). Mundo não é a mera reunião de coisas, é o aberto no qual cada coisa se presenteia, é “onde acontecem as decisões mais essenciais de nossa *História*.” Aqui a arte não mais está relacionada com o belo ou com o sensível como tinha sido tratada pela história da Estética, ou ainda como algo que está como elo entre natureza e razão. Tem aqui sua essência o sentido de um dê-velar, de uma verdade que se apresenta de forma inaugural, onde a verdade do ente se põe em obra e enquanto obra, enquanto movimento assim permanece enquanto o seu mundo não se desvanecer.

A essência da arte enquanto disputa originária, se dá no modo da verdade, pois é também a verdade esse movimento de ocultamento e desocultamento, de verdade e não-verdade.

Esse movimento dar-se como obra e é nesse sentido que Heidegger diz que a essência da arte é o por-em-obra a verdade. A disputa instaurada pela arte deixa que surja um espaço aberto, uma clareira onde o que ainda não adveio advenha de forma extra-ordinária. A verdade, assim como a essência da obra de arte é “o enfrentamento da disputa originária”. Desta disputa não vem qualquer afirmação ou negação, nenhum posicionamento é fixado por essa disputa. O que surge é um silêncio que deixa livre para um novo caminhar, uma nova era da história da humanidade. Pois Mundo e Terra se equiparão sem que um se sobressaia sobre o outro.

A essência da arte é esse silêncio inaugurador. Porém é preciso diferenciar brevemente esse silêncio originário de um mero calar-se, de uma mera ausência de som. Para Heidegger só aquele que tem o dom de falar pode silenciar-se. Portanto o silêncio, sendo o homem o animal que fala (*ζῷον λεγειν*) é um dom que só a este foi destinado. Foi destinado a este, enquanto poeta e pensador, a guarda deste silêncio originário que traz ao mundo, à vigência, tudo o que não tem em si a capacidade do alto eclodir. Poeta e pensador, por sua linguagem cuidadosa, possuem este dom. “A linguagem é a morada do ser. Na habitação da linguagem mora o homem. Os pensadores e poetas são os guardiões dessa morada”.

A Serenidade Entre O Pensamento Que Calcula E O Que Medita.

No ensaio acerca da questão da técnica a linguagem lógica enquanto um pensamento que calcula apresentou-se pelo questionamento um caminho sem-saída, de esquecimento do ser, de abandono da fonte principial de tudo provedora. Já o ensaio sobre a essência da obra de arte trouxe a tona a essência da arte como um por-em-obra da verdade, o pensamento poético como uma linguagem silenciosa, como dom de inaugurar. Será que nesse pensamento poético o homem da era atual encontra um abrigo, diante a ameaça do pensamento que calcula? Como pode o homem da era atômica permanecer sem não mais relacionar-se com o pensamento que calcula? Propõe

Heidegger um retorno aos primórdios? Um abandono da técnica em detrimento do pensar poético? A resposta a essas perguntas são dadas em diversos ensaios, porém é no ensaio *Serenidade*, que este coloca de maneira mais desenvolvida a questão.

Heidegger inicia com um questionamento acerca do que seria uma comemoração. A qual aponta, após uma reflexão sobre a etimologia da palavra, que em Heidegger nunca é um mero buscar de origem das palavras, mas um pensar sobre raízes, sobre caminhos de pensamento que se revelam no pensar com as palavras, aponta que comemorar é pensar sobre. Será que na era atual pensamos essencialmente? Calcular é já um pensamento? O que há de mais estranho ao nosso tempo do que o pensamento? Perguntas as quais o homem da era atual responderia em sua sempre presunçosa prontidão como um absurdo. Diria que nunca se pensou tanto, nunca nos ocupamos tanto com o pensamento como na presente era da técnica.

Esse pensamento técnico, apenas faz calculo e sempre só se relaciona com o que já está posto. Enquanto o pensamento poético é aquele que inaugura e que caminha no sentido da essência misteriosa, da qual o calculo passa o mais distante possível. Contudo o homem vive em meio a vigentes, a coisas já postas das quais este permanentemente precisa se relacionar. Esses pensamento calculador de tudo, que interpreta tudo como mera disponibilidade para ser composta e armazenada para outro empreendimento, pensamento este que levou o homem atual a essa situação do *sem-saida* é, contudo, indispensável. Só este o possibilita relacionar-se com o posto, com o que o circula. Porém, enquanto mero calculo, não corresponde ao destino enviado a guarda do homem. Pois é este, além de ser o que se relaciona com o que lhe circula, é também o que cria. Inaugurando pela linguagem poética algo in-abitual, inaugurando uma nova era da historia da humanidade.

Heidegger entende a *serenidade* como esta disposição fundamental em que o homem põem em uma disputa harmônica, que trás o destino do homem ao homem. Uma disposição onde pensamento que calcula e pensamento poético, que medita, atuam simultaneamente no homem. Não nega a técnica, nem a afirma cegamente. É um dizer sim e não simultâneo à técnica. É na serenidade que o homem atual encontra um caminho de enfrentamento a esta ameaça da era atual diante a técnica. “a serenidade em

relação as coisas e a abertura ao mistério dão-nos a perspectiva de um novo enraizamento”. Na serenidade e na escuta ao silêncio que advém do mistério oculto do ser encontra o homem um abrigo onde pode habitar essencialmente em plena era atual.

Desta forma é que esta pesquisa apresenta estes três ensaios como uma trilha do pensamento de Heidegger. Partindo da problemática atual da técnica, buscando a essência da arte como contra-movimento e apontando para a disposição da serenidade como caminho de enfrentamento a problemática inicialmente indicada. Escreve Heidegger:

A revolução da técnica que se está a processar na era atômica poderia perder, enfeitiçar, ofuscar e deslumbrar o homem de tal modo que, um dia, o pensamento que calcula viesse a ser o único pensamento admitido e exercido. [...] E então? Estão o homem teria renegado e rejeitado aquilo que tem de mais próprio, ou seja, o fato de ser um ser que pensa. [...] Quando a serenidade para com as coisas e a abertura ao mistério despertarem em nós, deveríamos alcançar um caminho que conduza a um novo solo. Neste solo criações de obras imortais poderia lançar novas raízes.

No próprio ensaio *Serenidade* Heidegger nos indica esse caminho de pesquisa. Como um derradeiro passo nessa trilha, porém não como conclusão, mas pelo contrario como um iniciar necessário após cada trilha sem saída nesta floresta que é o ser, no qual no mais das vezes nos leva a caminhos sem saídas (Holzwege), cito algumas estrofes de Manoel de Barros que em seu dizer se apresenta com a força originaria capaz de inaugurar o novo a partir da escuta do silêncio da fonte principal. Em seu livro *Retrato do artista quando coisa* nos diz:

Há um cio vegetal na voz do artista
Ele vai ter que envesgar seu idioma ao ponto
de alcançar o murmúrio das águas nas folhas
das arvores.
Não terá mais o condão de refletir sobre as
Coisas.
Mas terá o condão de sê-las.
Não terá mais ideias: terá chuvas, tardes, ventos,
Passarinhos...

Referências:

Aristóteles. *Metafísica*. trad. br. Giovanni Reale. São Paulo: Edições Loyola, 2013.

_____. *Órganon*. Trad. br. Edson Bini. São Paulo: Edipro, 2010.

_____. *Poética*. Trad. pt. Ana Maria Valente. Lisboa: Edição da Fundação Calouste Gulbenkain, 2004.

BARROS, Manoel. *Poesia completa*. São Paulo: Leya, 2013.

HEIDEGGER, Martin. *A origem da obra de arte* [1935-36]. Trad. br. Idalina Azevedo e Manuel Antonio de Castro. São Paulo: Edições 70, 2010.

_____. *A questão da técnica* [1953]. In: *Ensaaios e conferências*. Trad. br. Emmanuel Carneiro Leão. Rio de Janeiro: Vozes, 2008.

_____. *Serenidade* [1955]. Trad. port. Maria Madalena Andrade e Olga Santos. Lisboa: Instituto Piaget, ?.

_____. *Hölderlin y la esencia de la poesia* [1936]. In: *Arte y poesia*. Trad. esp. Samuel Ramos. Buenos Aires: Fondo de cultura economica, 1958.

_____. *Para que poetas?* [1946]. In: *Caminhos de floresta*. Trad. port. Irene Borges-Duarte e Filipa Pedroso. 2. Ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian: 2012.

_____. *A essência da verdade* [1930]. In: *Marcas do caminho*. Trad. br. Ernildo Stein e Enio Paulo giachini. Petrópolis: Vozes, 2008.

_____. *Que é metafísica?* [1929/43]. In: *Conferências e escritos filosóficos*, Coleção: Os pensadores. Trad. br. Ernildo Stein. São Paulo: Nova cultural, 1996.

_____. *O que é isto – a filosofia?* [1956]. In: *Conferências e escritos filosóficos*, Coleção: Os pensadores. Trad. br. Ernildo Stein. São Paulo: Nova cultural, 1996.

_____. *Identidade e diferença* [1957]. In: *Conferências e escritos filosóficos*, Coleção: Os pensadores. Trad. br. Ernildo Stein. São Paulo: Nova cultural, 1996.

_____. “... poeticamente o homem habita...” [1951]. In: *Ensaaios e conferências*. Trad. br. Márcia de Sá Cavalcante Schuback. Rio de Janeiro: Vozes, 2008.

_____. *O fim da filosofia e a tarefa do pensamento* [1966]. In: *Conferências e escritos filosóficos*, Coleção: Os pensadores. Trad. br. Ernildo Stein. São Paulo: Nova cultural, 1996.

_____. *A caminho da linguagem* [1959]. Trad. Márcia de Sá Cavalcante. São Paulo: Editora vozes, 2011.

_____. *Introdução à metafísica*. Trad. pt. Mário Matos. Lisboa: Instituto Piaget, 1987.

_____. *Da experiência do pensar* [1960]. Trad. br. Maria do Carmo Tavares de Miranda. Porto Alegre: Editora Globo, 1969.

HESÍODO. *Teogonia*. Trad. br. Jaa Torrano. 5. Ed. São Paulo: Ilumiuras, 2003.

NUNES, Benedito. *Hermenêutica e poesia: o pensamento poético*. Org. Maria José Campos. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1999.

_____. *Passagem para o poético: filosofia e poesia em Heidegger*. São Paulo: Edições Loyola, 2012.

PARMÊNIDES. *Da Natureza*. Trad. br. José Trindade Santos. São Paulo: Edições Loyola, 2002.

HESÍODO. *Teogonia*. Trad. br. Jaa Torrano. 5. Ed. São Paulo: Ilumiuras, 2003.